

FUTURO PERFEITO E CONDICIONAL COMPOSTO: MEDIATIVO NO DISCURSO JORNALÍSTICO EM PORTUGUÊS EUROPEU E EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Isabel Margarida Duarte  
FLUP / CLUP

0. Introdução

O tempo verbal de que me ocuparei, o futuro composto do modo indicativo, é geralmente designado, na tradição gramatical portuguesa, como *futuro perfeito*. Cunha & Cintra (1984=2000: 460) chamam-lhe “futuro do presente composto” e atribuem-lhe três valores:

a. a indicação de que uma acção futura (A) terá já acontecido (e daí a designação de *futuro perfeito*) quando outra acção, também futura (B) tiver lugar. Vejamos um exemplo:

(1) Quando eu chegar a casa (B), já tu *terás saído* para a escola (A)<sup>1</sup>.



*futuro perfeito*

b. a indicação do carácter certo de uma acção futura, sendo o exemplo de Joaquim Paço de Arcos fornecido por Cunha & Cintra, a meu ver, pouco feliz, porque a acção certa é a que o futuro simples do indicativo indica (“perdurará”) e o *futuro perfeito* equivale quase ao pretérito perfeito (=foi):

(2) “Só o direito perdurará e não *terá sido* vão o esforço da minha vida inteira.” (p. 460).

c. a expressão de incerteza, probabilidade, dúvida sobre factos passados, como no exemplo de Manuel Bandeira

(3) “Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele *terá falhado*.” (p.460)

O tempo verbal em estudo, sobretudo em ocorrências idênticas às do exemplo (3), tem um evidente valor modal reforçado, aliás, no referido exemplo, pelo verbo epistémico também ele modalizador da asserção (“creio”).

Se fizermos uma pesquisa no corpusdoportugues (Davies & Ferreira)<sup>2</sup>, verificaremos que, no que concerne ao Português Europeu (PE), este tempo verbal é sobretudo utilizado nos séculos XX e XXI, sendo as ocorrências anteriores cobertas pelas descrições de Cunha & Cintra já referidas.

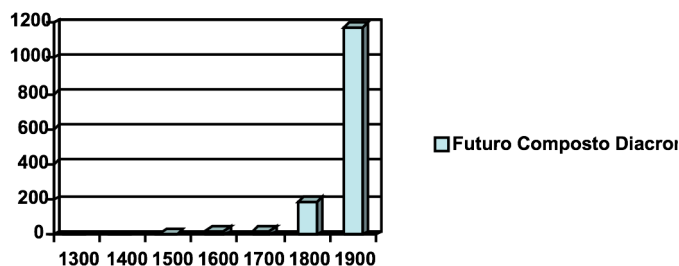


Gráfico 1: o *futuro perfeito* desde o século XIV

<sup>1</sup> Num registo oral e não vigiado, usaríamos o pretérito perfeito em vez do *futuro perfeito*: “Já tu saíste para a escola”.

<sup>2</sup> Para este trabalho, foram usados dois *corpus*. Todos os gráficos foram elaborados a partir do corpusdoportugues (Davies & Ferreira) e os exemplos retirados do CETEMPúblico (e do CETENFolha, consultável no sítio do CETEMPúblico / LINGUATECA: <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>).

Acontece que o aumento vertiginoso de número de ocorrências registado no século passado e nos primeiros anos deste não parece estar cabalmente descrito nas gramáticas consultadas. Trata-se, antes de mais, de um uso característico do discurso de imprensa e com muito menos ocorrências no discurso ficcional.

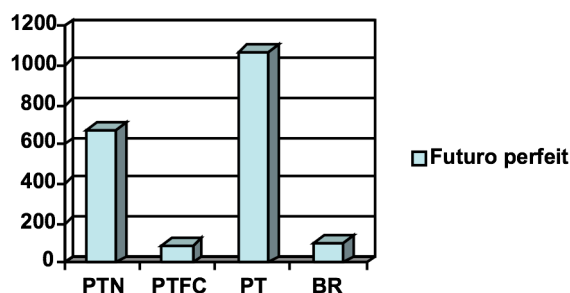


Gráfico 2: *Futuro perfeito* no discurso de imprensa (N) e na ficção (FC); em Portugal (PT) e no Brasil (BR)

Este *futuro perfeito*, característico do PE, dos textos de imprensa e das últimas décadas, tem claro valor modal, aparece sobretudo em frases simples (por exemplo; títulos, antetítulos e subtítulos de notícias) e lucrará, a nosso ver, em ser descrito com base em três noções: a de “inscrição discreta de relato de discurso” (Moirand, 2007), a de mediativo (Guentchéva, 1996) e a de “effacement énonciatif” (Vion, 2001).

Trata-se de um tempo verbal tipicamente utilizado como forma velada de relato de palavras, ou seja, o locutor ( $e_2$ ) relata palavras de outro enunciador ( $e_1$ ), não marcando, de forma inequívoca, essa operação, nem linguística nem graficamente. Este relato discreto cabe dentro da explicação de Guentchéva para o mediativo. Segundo esta autora, o mediativo designa “la catégorie grammaticale dont l’essence même est d’indiquer que l’énonciateur fait référence à des situations (statiques ou dynamiques) dont il n’assume pas la responsabilité pour en avoir eu connaissance par voie indirecte, d’où la possibilité pour lui de manifester divers degrés de distance par rapport au contenu de son propre message, et, pour le co-énonciateur, la possibilité de remettre en question, voire de réfuter le contenu du message reçu”. (Guentchéva, 1996: 11).

Por fim, mas não menos importante, o *futuro perfeito* permite, no discurso dos *media*, em PE, desresponsabilizar o locutor ( $e_2$ ) em relação à verdade dos factos que relata, a partir de informações de um outro enunciador ( $e_1$ ). O enunciador relator não se responsabiliza pela validação do conteúdo proposicional do discurso que reporta. Segundo Rabatel (2004), que retoma a noção de Vion (2001) o “effacement énonciatif” consiste em o locutor dar a impressão de que se retira da cena da enunciação, apagando a sua subjectividade, operação impossível porque « le locuteur ne peut pas ne pas manifester d’une manière ou d’une autre sa présence : c’est la subjectivité qui est la règle (Kerbrat-Orecchioni, 1980). [...], la production de discours objectivants est profondément instable, fragile.»

Existiria também, nos exemplos de ocorrências com *futuro perfeito*, e citamos de novo Rabatel (2003: 36), um fenómeno de sobre-enunciação, isto é, «[...] le locuteur citant déforme à son avantage le dire du locuteur cité en estompant l’origine énonciative et la visée des propos rapportés.»

Darei brevemente alguns exemplos de entre vários milhares possíveis: só no *corpus* CETEMPublico, que abrange apenas alguns períodos cronológicos de edições do jornal diário

*Público*, recolhi<sup>3</sup> mais de 6880 páginas A4 de curtos excertos, como os quatro exemplos seguintes, com ocorrências de *futuro perfeito*:

(4) Na sua viagem em direcção à capital sérvia, Kozirev *terá mantido* contactos directos com o comandante do exército sérvio da Bósnia, general Ratko Mladic, que se *terá comprometido* a não lançar as suas tropas contra o bem defendido enclave de Gorazde.

(5) Aqui, Pedro Amaral decidiu dar conhecimento do achado aos seus superiores, que *terão posto* o selo de «confidencial» na documentação contida na pasta, que *terão enviado* para o laboratório de Polícia Científica.

(6) Mas, a julgar pela participação policial, o jovem pouco ou nada *terá comercializado*, pois a polícia apenas lhe apreendeu cerca de dois contos, ou seja, todo o dinheiro que possuía quando foi detido.

(7) Mas outros javalis *terão sido* já *abatidos* em consequência de iniciativas individuais de agricultores e proprietários, no sentido de tentar evitar os estragos provocados em pequenas culturas.

Estes exemplos atestam o uso do *futuro perfeito* no actual discurso de imprensa português, tendo a sua utilização em peritextos como os títulos, antetítulos e subtítulos particular saliência. É possível analisar, nos jogos instituídos nesses peritextos, fenómenos vários de maior ou menor desresponsabilização do locutor em relação aos factos relatados, uma maior ou menor força assertiva daquilo que afirma, uma maior ou menor capacidade de persuasão, dependendo cada um destes aspectos das combinações, por exemplo, entre o *futuro perfeito* e outros tempos verbais presentes nos textos em causa (mormente o presente e o pretérito perfeito do indicativo), ou entre o tempo em causa e frases de tipo nominal e / ou o verbo modal “poder”, as pressuposições e implicações várias resultantes das relações estabelecidas entre elementos linguísticos presentes nos título, antetítulo e subtítulo<sup>4</sup>.

Como procurei mostrar noutro momento<sup>5</sup>, o locutor persuade o alocutário pela emoção e não pela argumentação, uma vez que, frequentemente, este tempo verbal, que afirma algo sem que o locutor se responsabilize pelo que é predicado, aparece na primeira página do jornal, frequentemente na manchete, ganhando uma saliência comunicativa excepcional, porquanto o leitor, muitas vezes, lê a manchete de passagem, guarda a informação lida como se fosse certa e não lê depois o corpo da notícia onde, por vezes, o locutor jornalista revela as fontes desconhecidas, não identificadas, dá indícios linguísticos da incerteza dos factos e da insegurança das fontes, não se responsabilizando pelo que é comunicado.

Eis alguns exemplos de *futuro perfeito* recentes incluídos no principal título da primeira página<sup>6</sup> do *Público*:

(9) Legalização dos imigrantes *terá deixado* 60 mil de fora (manchete, *Público*, 20/01/2002)

(10) Milhões nas ruas contra a guerra (título)

<sup>3</sup> Agradeço o trabalho de extracção dos títulos e de estatística, realizado, a partir do *corpus* CETEMPúblico, pelo colega Rogério Reis, do Departamento de Ciência dos Computadores da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

<sup>4</sup> Ver alguns resultados de certas combinações referidas em DUARTE, I. M. «Le discours rapporté dans la presse portugaise, le «*futuro perfeito*» et l’effacement énonciatif», comunicação apresentada ao XXV<sup>o</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romane, Innsbruck, 4 Setembro de 2007 (submetido para avaliação).

<sup>5</sup> DUARTE, I. M. Emoção e argumentação: *futuro perfeito* nos títulos de notícias. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs.), *Anais do III Simpósio Internacional da Análise do Discurso*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

<sup>6</sup> A primeira página mereceria, obviamente, um estudo também quanto às imagens, formatação, tipos de letras, disposição gráfica da informação linguística e não-linguística, porque todos esses elementos concorrem para transmitir informação de uma dada maneira, condizente com as intenções comunicativas do locutor. Não podendo ater-me a esses aspectos aqui, deixo, no entanto, em anexo, uma imagem, para que se perceba a relevância comunicativa dos factos em apreço.

- Manifestação pela paz *terá juntado* 80 mil pessoas só em Lisboa (subtítulo; manchete, *Público*, 16/03/2003)
- (11) António Costa falou de Pedrosa no caso casa Pia antes de ele ser detido (título)  
Actual ministro *terá abordado* o assunto num almoço com responsáveis da Judiciária (subtítulo; manchete, *Público*, 27/07/06)
- (12) Legalização de emigrantes travada após avalanche de candidaturas (título)  
Imigrantes em Itália e Espanha *terão vindo* legalizar-se a Portugal (subtítulo; manchete, *Público*, 30/08/2007)
- (13) Processo de licenciamento do Freeport de Alcochete põe primeiro-ministro em xeque (título)  
Tio e primo do chefe do Executivo *terão tentado* cobrar favor por promover mediação (subtítulo, manchete, *Público*, 24/01/2009; ver anexo)

Antes de passar ao tema central desta comunicação, transcrevo um excerto de uma crónica do escritor Manuel António Pina, também jornalista, na última página do diário há muito centenário *Jornal de Notícias*, de 05/11 de 2007, intitulada «Poderia ser jornalismo»<sup>7</sup>:

«Uma das características de algum jornalismo que hoje por aí se faz é que nada acontece, tudo «poderia ter acontecido» ou «poderá acontecer». Outro dia pus-me a contar os futuros e condicionais de uma «notícia» de uns poucos de períodos publicada no «Correio da Manhã» sobre o desaparecimento de Maddie MacCann. Ao todo, contei 10 condicionais e futuros hipotéticos para um único e rigoroso «foram». A «notícia», assinada por uma jornalista de «investigação», era só uma ociosa enumeração de suposições: as análises «podem ser» hoje enviadas para Portugal; um cão pisteiro «ter-se-á mostrado» nervoso, o que «poderia indiciar» não sei o quê; a utilização de cães pisteiros «terão sido sugeridos» (sic) pelos ingleses; um amigo dos MacCann «terá levantado» suspeitas; um inglês «poderá ser extraditado»; os MacCann «terão arrendado» uma casa; etc... Por outro lado, as raras vezes que, em tal jornalismo, algo acontece, acontece «alegradamente»: a mulher foi alegadamente artropelada, o sinal verde estava alegadamente aceso, o automobilista teria alegadamente 2 gramas de álcool no sangue. E tudo segundo fontes «próximas» de qualquer coisa, pois os jornalistas, hoje, não afirmam nem confirmam, repetem.»

Passarei entretanto à frente os resultados de alguma investigação quer realizada<sup>8</sup> quer em curso<sup>9</sup>, para me concentrar, agora, no essencial desta comunicação.

### 1. *Futuro perfeito* e condicional composto

O valor que atesto para o *futuro perfeito* é geralmente recoberto em francês, italiano e espanhol, pelo condicional<sup>10</sup> (simples ou composto) isto é, para usar uma designação mais rigorosa, pelo futuro do pretérito (simples e composto). Estes tempos, sobretudo o composto, também aparece na imprensa portuguesa com idêntico valor modal ao que referimos para o *futuro perfeito*: marcador de relato discreto, de mediativo, de desresponsabilização do locutor.

<sup>7</sup> Testemunho idêntico, para o abuso do condicional francês, será o excerto do texto dramático francês de Gerty Dambury que passo a citar: «Habituel, ce conditionnel ?

[...] C'est le mode préféré des dictateurs. Le mode des allégations non étayées de preuves.

Ce massacre aurait causé la mort de cent mille personnes... Une défaillance technique serait à l'origine de l'explosion qui transportait le président du Rwanda [...]

Pauvre monde qui ne sait plus où est la vérité et qui ne vit plus qu'au mode conditionnel».

<sup>8</sup> Ver Duarte (2007, 2008, e no prelo).

<sup>9</sup> Neste momento, uma estudante da Faculdade de Letras, Marcela Faria, com uma Bolsa de Iniciação à Investigação, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Centro de Linguística da Universidade do Porto, está encarregada de elencar todos as ocorrências de *futuro perfeito* na primeira página do jornal *Público*, desde a sua fundação em 1990, porque tento confirmar a intuição de que a busca da espectacularização e a desresponsabilização jornalística são tendências recentes no jornal, visíveis sobretudo depois de a equipa fundadora ter sido substituída, em Setembro de 1998, por um outro director que disvirtuou o projecto jornalístico e editorial do jornal.

<sup>10</sup> É esta a designação mais corrente em Portugal e por isso a utilizo, embora com a consciência da incorrecção que tal designação comporta. Obviamente que estamos perante um tempo que seria melhor descrito pelo nome “futuro do pretérito” por que Cunha & Cintra, aliás, o designam.

Só que surge em muitíssimo menos ocorrências do que o *futuro perfeito*<sup>11</sup>, como se pode verificar no gráfico 3.

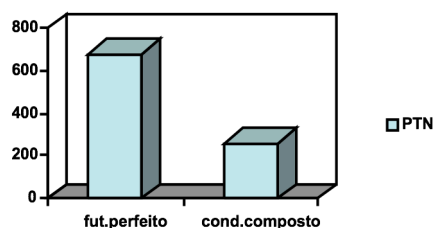


Gráfico 3: *futuro perfeito* e condicional composto, no discurso de imprensa, Portugal

Note-se, no entanto, que estas afirmações apenas são válidas para o PE porquanto, em relação ao Português do Brasil (PB), a realidade nos parece bastante diversa. No Brasil, é muitíssimo menor a quantidade de ocorrências com *futuro perfeito* nos textos de imprensa. No *corpus* do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, pude encontrar 63 ocorrências só com o verbo “ser” (“terá sido”), mas em quase todas o *futuro perfeito* tem um valor de “futuro anterior”, o seu funcionamento pode ser descrito pelas explicações de Cunha & Cintra (1984) que referi no início deste texto, não tendo o mesmo valor de mediativo, de citação discreta, de desresponsabilização do locutor que quer passar uma informação sem ter de arcar com a responsabilidade de poder vir a ser confrontado com eventuais faltas de rigor jornalístico. O tempo, nessas ocorrências brasileiras, (a) indica uma acção futura que terá lugar quando uma outra acção futura estiver já terminada, ou (b) o carácter certo de uma acção futura, ou (c) a incerteza, probabilidade, dúvida sobre factos passados, frequentemente no seguimento de orações subordinadas condicionais ou em interrogativas directas ou indirectas, tal como os gramáticos referidos afirmam.

Vejamos alguns exemplos da *Folha de S. Paulo*:

(14) Assim, dentro de cinco anos, aquele histórico *terá sido* praticamente neutralizado e o modelo será praticamente composto de 90 % de input e 10 % de output.

(15) Ele acredita que, em cem anos, o português *terá sido* substituído como língua oficial mesmo em Portugal.

(16) Possivelmente, esta *terá sido* uma das razões para a sua implantação.

Não estamos claramente a falar, para o caso da imprensa brasileira, no mesmo fenómeno galopante de uso do *futuro perfeito* que existe em Portugal, como atesta o gráfico 4:

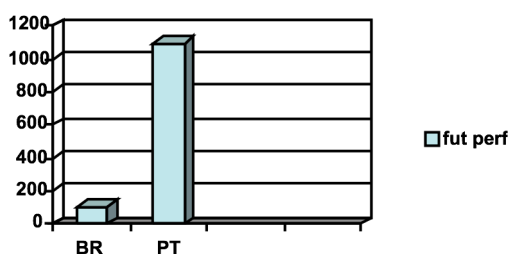


Gráfico 4: *futuro perfeito* em Portugal e no Brasil

<sup>11</sup> Para mais, algumas dessas ocorrências com condicional referem notícias vindas de França, às vezes da France Presse, podendo pois o condicional ser directamente decalcado do tempo verbal usado pelo francês. Veja-se o exemplo seguinte do CETEMPublico: (8) Os agentes *teriam sido* mortos numa emboscada montada por um grupo armado composto por seis a sete pessoas, *segundo fontes oficiais citadas pela AFP*.

Com efeito, ao ler o interessante estudo de Oliveira & Neves (2007), sobre estratégias linguísticas de distanciamento no discurso jornalístico, verifiquei que havia ocorrências de *futuro perfeito* e de condicional nos exemplos retirados da imprensa escrita portuguesa, mas apenas condicional nos que pertenciam aos *media* brasileiros. A distinção do uso actual, no discurso jornalístico, dos dois tempos compostos do indicativo em apreço não parece corresponder inteiramente ao que sobre eles dizem nem Epifânio da Silva Dias (1933), nem Sten (1973), nem Oliveira & Neves (2007).

Fui então, numa outra etapa desta pesquisa<sup>12</sup>, inquirir, junto de 50 colegas linguistas portugueses<sup>13</sup>, de que modo percepcionavam semelhanças e diferenças quanto aos efeitos do uso do *futuro perfeito* e do condicional (sobretudo composto), enquanto marcadores de mediação, de modalização epistémica e de desresponsabilização do locutor (e<sub>2</sub>). Os resultados foram quase unânimes.

Para os respondentes portugueses, quase unanimemente, o *futuro perfeito* sugere mais certeza do locutor quanto à realidade dos factos relatados. Pelo contrário, o condicional composto revelaria maior distância do locutor não só em relação aos factos relatados, mas também às fontes de que se serve para obter a informação (e<sub>1</sub>). A distância enunciativa configurada pelo uso do condicional, o facto de evocar mundos narrados explica, a meu ver, a opinião dos respondentes segundo a qual do uso deste tempo se depreenderia uma menor responsabilização do locutor em relação à validação dos factos por si referidos. Mas há uma proporção não negligenciável de colegas (11%) para quem as diferenças dos dois tempos verbais em apreço não são evidentes no que toca à posição do relator perante os factos que indirectamente assere. Se é verdade, como afirmam Oliveira & Neves (2007), que o *futuro perfeito* se utiliza para exprimir a não-responsabilização do locutor pelas afirmações que faz sem no entanto as atribuir a uma fonte exterior (“as formas do futuro são usadas quando se pretende a desresponsabilização das afirmações produzidas, sem, no entanto, as atribuir, necessariamente, a qualquer fonte identificável”), também é verdade que essa fonte, por vezes, está muito bem identificada, por um lado e que muitos linguistas responderam não encontrar qualquer diferença entre *futuro perfeito* e condicional a esse nível. Do mesmo modo, não vejo, contrariamente ao que escrevem as autoras referidas, que o condicional se use preferencialmente para “produzir afirmações atribuídas a uma fonte externa”. Creio que o facto de as fontes serem externas e mais ou menos identificadas não será um bom critério para distinguir os valores e os usos das duas formas verbais, porquanto encontramos exemplos abundantes de ambas com e sem fonte identificada, sendo a fonte, aliás, sempre diferente do citador, e daí que tenhamos ido buscar o conceito de mediativo de Guentchéva para poder descrever todos os matizes de funcionamento destas formas verbais.

Dado que, em relação ao discurso de imprensa no Brasil, os casos de *futuro perfeito* eram quase residuais, ocupando o condicional todo o espaço da citação discreta e da modalização desresponsabilizante, procurei aplicar, a um conjunto de colegas linguistas brasileiros, o mesmo teste que já tinha sido preenchido em Portugal.

Os resultados que apresento valem apenas como indicador e precisam, para ser validados, de uma confirmação numérica inequívoca<sup>14</sup>, mas merecem ser expostos, mesmo sendo provisórios e apenas indicativos de eventuais tendências a confirmar. Assim, embora

---

<sup>12</sup> DUARTE, I. M., « *Le futuro perfeito* portugais: inscription textuelle discrète de discours rapporté », comunicação apresentada ao colóquio *Le texte: modèles, méthodes, perspectives*, Université Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca, Roménia, 25-27 de Setembro de 2008 (entregue para publicação nas Actas do Colóquio).

<sup>13</sup> Obtive 50 respostas de colegas linguistas portugueses de diferentes Centros de Investigação: Porto, Lisboa (Universidade Clássica, Universidade Nova e Universidade Aberta), Coimbra e Minho (Braga).

<sup>14</sup> Dada a proporção de habitantes entre o Brasil e Portugal, ou se se quiser raciocinar de outro modo, dado o número de associados da Associação Portuguesa de Linguística e da sua congénere Abralín, o número de respostas que necessito de obter para que os resultados possam ser credíveis estatisticamente terá de ser significativamente maior do que as 50 respostas que obtive em Portugal.

com as cautelas que a modéstia do número de respostas obtidas aconselha, concluo, provisoriamente, que:

1. como os seus homólogos portugueses, os linguistas brasileiros maioritariamente consideraram que

(a) o condicional sugere, mais do que o *futuro perfeito*, que o locutor não tem a certeza quanto à verdade dos factos que reporta. Será um marcador da distância não só entre o relator (e<sub>2</sub>) e esses factos relatados mas também entre o relator e a fonte das informações que transmite, revelando mais desresponsabilização do locutor relator;

(b) o *futuro perfeito* indicia mais responsabilidade do relator em relação aos factos transmitidos, mais sensação, para o alocutário, de que esses factos relatados são verdadeiros e mais comprometimento do relator com a verdade da informação fornecida;

(c) quanto à sugestão sobre se a fonte de informação é ou não externa, embora a maior parte dos respondentes tenha achado que o condicional preferencialmente sugere uma fonte externa, 9% considerou que *futuro perfeito* e condicional são semelhantes deste ponto de vista.

2. a utilização do *futuro perfeito* é diferente em Portugal e no Brasil, muito mais frequente na imprensa portuguesa do que na brasileira. Aliás, não resisto a transcrever dois comentários de colegas brasileiros, porque são paradigmáticos de outras opiniões também recolhidas. Escreveu um: “é importante frisar que o uso do *futuro perfeito* para títulos e subtítulos de manchetes não é comum no PB. No Brasil, tal tipo de construção, praticamente, só ocorre num enunciado do género de: “Em 2011, quando Lula deixar o poder, seu governo terá realizado o maior projeto de distribuição da história do Brasil”. Daí eu crer que não deve ser nada fácil para nós perceber a sutileza semântica que distingue as duas espécies de enunciado”. E diz um outro que considerou impossível confrontar, quanto ao sentido, os exemplos com *futuro perfeito*, com os que incluem o “futuro do pretérito”: “Para mim, as duas construções não podem ser consideradas equivalentes. Aliás, fica muito estranho usar uma construção de *futuro perfeito* para referir eventos passados.”

No exemplo (17), retirado do teste aplicado, o jornal *Público* usa, num subtítulo o *futuro perfeito*:

(17) Chamas que invadiram Coimbra têm explicação (título)

Queimada *terá causado* o incêndio de Agosto (subtítulo)

Nenhum falante do PE estranhará esta construção, muito frequente nos *media* quer escritos quer falados. Mas ela suscitou, a linguistas brasileiros, comentários como o que transcrevo: “A construção com o verbo no futuro soa bem estranha a mim, mas parece sugerir mais certeza do que a forma condicional quanto à causa do incêndio.” É verdade que decorre da natureza do futuro do presente transmitir mais certeza do que o futuro do pretérito. Com este tempo verbal, o exemplo por mim forjado para o teste “Chamas que invadiram Coimbra têm explicação / Queimada *teria causado* o incêndio de Agosto”, suscita em vários respondentes brasileiros o comentário de que é uma “construção mais típica e habitual para demonstrar fato provável”<sup>15</sup>.

### 3. Conclusão

As respostas da maior parte dos colegas brasileiros coincidem com as dos seu homólogos portugueses mas, apesar disso, um número não despreciando deles afirmou estranhar o uso do *futuro perfeito* nos contextos citados nos exemplos, considerando pouco provável que pudessem surgir na imprensa brasileira.

---

<sup>15</sup> Os depoimentos transcritos são paradigmáticos de uma opinião que se repetiu. Dou apenas mais dois exemplos: “A mim, todas as construções com o futuro perfeito soam-me inadequadas” e “Como usuária da língua escrita e revisora, optaria por utilizar o condicional composto, interpretando o futuro perfeito como uma formação estranha, ao menos aqui no Brasil, por não parecer nada familiar ao uso comum da língua escrita no PB”.

## Referências

- CISZEWSKA, E. Futur antérieur de probabilité – essai d’exploration contextuelle. In DUTKA-MANKOWSKA, A.; BOGACKI, K. (éds.) *Les relations sémantiques dans le lexique et dans le discours*. Warszawa: Uniwersytet Warszawski, 2005, p. 75-83
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1984 [16<sup>a</sup> ed., 2000].
- DENDALE, P. Le conditionnel de *l’information incertaine*: marqueur modal ou marqueur évidentiel? In HILTY, G. (ed.) *Actes du XX<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tome I. Tübingen: Francke Verlag, 1993, p. 165-176
- DUARTE, I. M. *O relato de discurso na ficção narrativa, Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003a
- DUARTE, I. M. A citação no discurso de imprensa: uma «Amostra» do Caso Moderna. In: DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. (edd.) *Da língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, 2004, p. 311-321.
- DUARTE, I. M. «Le discours rapporté dans la presse portugaise, le « *futuro perfeito* » et l’effacement énonciatif», comunicação apresentada ao XXV<sup>o</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romane, Innsbruck, 4 Setembro de 2007 (submetido para avaliação).
- DUARTE, I. M. Emoção e argumentação: *futuro perfeito* nos títulos de notícias. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. (edd.), *Anais do III Simpósio Internacional da Análise do Discurso*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- DUARTE, I. M., «Le *futuro perfeito* portugais: inscription textuelle discrète de discours rapporté», comunicação apresentada ao colóquio *Le texte: modèles, méthodes, perspectives*, Université Babeş-Bolyai, Cluj-Napoca, Roménia, 25-27 de Setembro de 2008 (entregue para publicação nas Actas do Colóquio).
- DUARTE, I. M. Le *futuro perfeito* portugais: un marqueur de médiatif. In *Faits de Langue* n<sup>o</sup> 33, 2009
- CHARAUDEAU, P. Discours journalistique et positionnement énonciatif. In *Semen* 22, 2006, p. 29-43
- GUENTCHÉVA, Z. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. In: *Langue Française* 102, 1994, p. 8-23.
- HAILLET, P. P. *Pour une linguistique des représentations discursives*. Bruxelles: De Boeck- Duculot, 2007.
- HAILLET, P. P. Représentations discursives, point(s) de vue et signifié unique du conditionnel. In *Langue Française* 138, 2003, p. 35-47.
- HAILLET, P. P. Le conditionnel d’altérité énonciative et les formes du discours rapporté dans la presse écrite. In: *Pratiques* 100, 1998, p. 63-79.
- KRONNING, H. Le conditionnel «journalistique»: médiation et modalisation épistémiques. In: *Romansk Forum* 16, 2002, p. 561-575
- KRONNING, H., Polyphonie, médiation et modalisation: le cas du conditionnel épistémique. In BRES; HAILLET; MELLET; NÖLKE; ROSIER (edd.) *Dialogisme et Polyphonie Approches linguistiques*. Bruxelles: de Boeck-Duculot, 2005, p. 297-312
- MAINGUENEAU, D. *Analyser les Textes de Communication*. Paris: Nathan 2000 (1998).
- MOIRAND, S. *Les discours de la presse quotidienne, Observer, analyser, comprendre*. Paris: PUF, 2007.
- NEVES, J. B. Mediático e jornalismo. In: *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2003, p. 615-622.
- OLIVEIRA, F. O Futuro em português: alguns aspectos temporais e / ou modais. In: *Actas do 1<sup>o</sup> Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: 1985, p. 353-373.
- OLIVEIRA, T.; NEVES, J. B. Estratégias linguísticas de distanciamento no discurso jornalístico. In: *Aprender - Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre* 31, 2007, p. 49-55.
- RABATEL, A. (ed.) Effacement énonciatif et discours rapportés, *Langages* 156, 2004, p. .
- RABATEL, A.; CHAUVIN-VILENO. La question de la responsabilité dans l’écriture de presse. In: *Semen* 22, 2006, p. 5-22.
- SILVA DIAS, E. *Syntaxe Historica Portuguesa*. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1933.
- SOUSA, O. Da C.; PEREIRA, S.C. Futuro Sintético / Futuro Analítico e valor aorístico. In: SÁNCHEZ MIRET, F. (ed.) *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica*. Vol. II. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003, p. 403-414.
- STEN, H. *L’emploi des temps en portugais moderne*. Copenhaga: Munksgaard, 1973.
- VION R. “Effacement énonciatif” et stratégies discursives. In DE MATTIA M.; JOLY A. (edd.) *De la syntaxe à la narratologie énonciative : Hommage à René Rivara*. Gap et Paris, Ophrys, 2001, pp. 331-354.

Sáb 24 Jan Edição Porto

Sábado, 24 de Janeiro de 2009  
 Ano XIX, n.º 687  
 Portugal: 1,50€ (IVA incluído) Espanha: 2,00€ (IVA incluído)  
 Director: José Manuel Fernandes  
 Directores adjuntos: Nuno Pacheco,  
 Manuel Carvalho e Paulo Ferreira

**Manuel Alegre** faz uma leitura crítica da moção de Sócrates ao Congresso do PS e **Manuel Queiró** diz que Paulo Portas leva o CDS-PP por um caminho errado



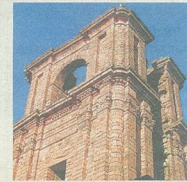
**Novo livro**  
**Cary Grant, o grande boémio que nunca saiu do armário** P2

**Michael Ruse**  
**"A genética moderna não tornou obsoleta a teoria da evolução"** P2



**Tecnologia**  
**Já há políticos portugueses a utilizar o Twitter** P2

**América do Sul**  
**No rasto dos Jesuítas**  
**Fugas**



## Processo de licenciamento do Freeport de Alcochete põe primeiro-ministro em xeque

Tio e primo do chefe do Executivo terão tentado cobrar favor por promover mediação

● José Sócrates viu-se ontem à noite no centro da polémica do licenciamento do Freeport de Alcochete, depois de a TVI ter posto no ar partes de uma entrevista dada ao semanário

Sol pelo seu tio, Júlio Eduardo Coelho Monteiro, onde este afirma ter proporcionado uma reunião entre o promotor do empreendimento, o britânico Charles Smith, e o último

ministro do Ambiente do Governo Guterres. Já perto das 22h, o primeiro-ministro emitiu um comunicado em nome pessoal garantindo que "a aprovação ambiental do empre-

dimento Freeport cumpriu todas as regras legais aplicáveis à época", rejeitando "todas as insinuações e afirmações caluniosas que envolvem o meu nome a propósito deste caso". A

investigação, que corre no Reino Unido e também em Portugal, procura detectar alegados actos de corrupção e branqueamento relacionados com este processo. → Portugal, 4 a 6

### Qimonda Insolvência na Alemanha, luta para salvar fábrica em Portugal Págs. 2/3



José Sócrates durante uma visita à unidade fabril da Qimonda, em Vila do Conde, em Maio de 2008

#### Reportagem

**O que todos perderam na guerra de Gaza**

A fronteira da Faixa de Gaza abriu ontem. Lá dentro, toda a gente quer e todas as histórias são inaceitáveis. Da nossa enviada, Alexandra Coelho → Mundo, 14 e 15

#### Professores

**Suspensão da avaliação não passou na AR**

● O projecto de lei do CDS-PP que previa suspender a avaliação dos professores chumbou na Assembleia da República. Sócrates e Alegre trocaram críticas. → Portugal, 8/9

#### Bélgica

**Duas crianças mortas em ataque a creche**

● Um jovem de 20 anos entrou numa creche no Norte da Bélgica, matando à facada duas crianças e ferindo outras dez num ataque que estava ontem por explicar. → Mundo, 16

#### Liga de futebol

**Nulo no Restelo põe liderança do Benfica em risco**

● O empate de ontem (0-0) frente ao Belenenses pode fazer o Benfica cair para o terceiro lugar da Liga. Basta que Sporting e FC Porto vençam hoje os seus jogos. Desporto, 27

#### Porto

**Bolhão vai ter restaurantes e animação diária**

● Vereador Lino Ferreira apresentou programa para o Bolhão, que "será um mercado de sabores e aromas tradicionais." A fachada será completamente reabilitada. → Local